

Durante este ano de 2016, no ensejo do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, nosso Vicariato Agostiniano celebra a vocação de alguns frades. Nesta edição, frei Agenor Chiarinelli, gentilmente partilha conosco a alegria dos seus 25 anos de vida sacerdotal.

Bodas de Prata Sacerdotal

No ano de 1991, no dia 16 de março, às dezenove horas, na cidade de Piracicaba SP, na igreja São José (paróquia São José), eu fui ordenado Presbítero, com a imposição das mãos de D. Eduardo Kocak . O que falar desse dia, e desse momento? Não foi somente um dia e um momento festivos, mas o coroamento de um conjunto de atitudes, atividades e ações, que marcaram esse dia como especial na minha vida.

Ninguém se torna religioso de um dia para o outro. Ser um sacerdote, tornar-se religioso, é fruto de muito questionamentos e de muitas reflexões, decepções, dúvidas e incertezas, sobretudo de coragem e entrega ao novo caminho, confiando sempre na bondade e na misericórdia de Deus.

Não foi fácil para mim fazer essa escolha. Vinha de uma família unida, católica. Já tinha uma estrutura de vida bem organizada, com trabalho bem remunerado e, na época, já tinha até carro próprio. Sentia, no entanto, que me faltava algo mais para preencher um certo vazio, que sentia não sabia compreender. Como cristão, participava da minha comunidade e me sentia bem,

embora não me envolvesse muito com ela. Costumava ouvir os comentários de meus amigos a respeito do nosso Pároco, homem honesto, trabalhador, dedicado, porém, sistemático e centralizador, que tinha inclusive certa dificuldade em pronunciar as palavras. Comecei a refletir sobre a importância do sacerdote para a comunidade. Refleti muito, na minha cabeça ficava essa pergunta: por que não eu? Tomei a decisão de me arriscar na vida consagrada agostiniana. Estudei filosofia e teologia até chegar ao dia da ordenação.

Minha primeira responsabilidade foi como Pároco da Paroquia Nossa Senhora Aparecida de Bragança Paulista SP, uma experiência difícil, mas compensadora. Depois, já mais experiente, fiquei por dezesseis anos como Pároco na Paroquia Nossa Senhora da Consolação e Correia de Belo Horizonte MG, uma experiência bem gratificante. Hoje estou contribuindo como formador na comunidade Santa Mônica, e vigário cooperador da Paroquia Cristo Redentor, Comunidade Santa Cruz. Também no departamento Pastoral do Colégio

Santo Agostinho, unidade de Nova Lima MG.

Se você me perguntar se valeu a pena e seu faria tudo de novo, não tenho dúvida. Faria tudo do mesmo jeito. Gosto do que faço, me realizo no trabalho pastoral, no contato com as pessoas, vivendo e exercendo o meu sacerdócio. Penso que não há segredo. O importante é amar o que se faz e manter a transparência no que se vive e pretende realizar.

Um forte abraço.

Frei Agenor Chiarinelli.



Inquietude

VICARIATO AGOSTINIANO NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO DO BRASIL

ANO XV | Nº 86 | Janeiro a Março de 2016

LOUVADO SEJAS SENHOR

Terra somos
terra e pó de estrelas!
Correm em nosso sangue água e fogo
vento e sonho
desejo maior que transcende a carne
o espírito de todos os seres na comunhão primeira.
E porque o Deus da Vida ama a beleza
idealizou o paraíso como casa comum da humanidade.
Ser vivo é a terra e dói a ferida na carne macerada
misteriosa conexão que nos transcende.
Cuidado é a palavra!

Tentados pelo lucro e o poder
a idolatria do mercado mata a vida
homicida
ecocida
fratricida
a terra violada como objeto de desejo!

Mas teimosa é a vida e resiste !

Reeducar nosso coração
essa é gora a tarefa
a alma aberta ao infinito na responsabilidade coletiva
beber lentamente a luz do sol cada manhã
tocar Deus no corpo machucado dos excluídos
contemplar gratuitamente a garça e as estrelas
sorver com os olhos o encanto do mar e da floresta
sem tomar posse do que ainda resta e sobrevive
crer que após a morte a vida pode ser e é eterna.
Da cruz nasce a Páscoa!

Paulo Gabriel

Editorial



A consciência de um mundo mais integrado habita o imaginário da humanidade neste começo do século XXI. As relações estabelecidas entre os povos e o meio ambiente se transformaram em elementos fundamentais dos noticiários cotidianos, das propagandas oficiais dos governos e das nossas conversas informais. Estamos descobrindo que cuidar da nossa casa comum – que chamamos meio ambiente – faz parte do cuidado de si. E, que se quisermos aproveitar o pretensão progresso que conquistamos ao longo do século passado devemos rever nossa forma de ser e estar no planeta. A sustentabilidade e o desenvolvimento parecem ter se encontrado e fazem um esforço para conviverem no meio de nós.

Santo Agostinho, já no século IV da era cristã, trazia em suas reflexões pistas importantes para construirmos uma relação saudável entre o homem e a criação, como compreensão da realidade histórica do homem como parte da criação divina. **“Possuamos as coisas terrenas sem deixar-nos possuir por elas. Que não se deslumbe sua multiplicação nem nos afunde sua carência. Vivamos bem com elas, sem fazer-nos nem seus servidores nem escravizá-las.”** Carta 15, 2 de Santo Agostinho. Para este filósofo, a relação harmônica entre o homem e a criação de Deus se dá através de uma convivência que se (re) constrói a partir de duas ideias básicas: a ordem e a paz.

Para Santo Agostinho, a ordem é **“a correta disposição das coisas semelhantes e diferentes, em virtude da qual cada uma delas ocupa o lugar que lhe é próprio.”** Santo Agostinho in Cidade de Deus 19, 13, 1. A partir desta, o homem se locomove e se organiza frente a sua realidade terrena e transitória, respeitando o local e a finalidade de todas as coisas criadas por Deus. Desta forma, os homens e mulheres constroem na terra, não só o caminho que leva a pátria celeste, mas ela mesma aqui na cidade dos homens. As relações harmoniosas entre a natureza criada por Deus e a humanidade se expressa no uso consciente de seus recursos e a preservação de sua existência, fazendo-se, assim, fundamental para o cumprimento da vontade de Deus e garantindo a continuidade da espécie humana peregrina neste mundo terreno.

O estabelecimento desta ordem, produzida nas relações de cuidados entre os homens e o meio ambiente, resulta na paz que se reflete no conjunto da criação divina. **“A Paz do corpo é a boa coordenação de seus membros. A paz da casa é o ordenando entendimento entre os que habitam nela. A paz da cidade terrena é o consenso ordenado entre seus concidadãos. A paz da cidade celeste é a ordenadíssima e agradabilíssima convivência entre seus cidadãos para gozar de Deus. E a paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem.”** Santo Agostinho in Cidade de Deus 19, 13. Neste contexto reflexivo, a paz se apresenta como resultado do conjunto de consensos estabelecidos entre os homens para que todo o ecossistema partilhado por todos na cidade dos homens seja vivido em sua ordem e funcionalidade prescrita pela vontade divina. O esforço humano em cumprir a vontade de Deus se revela no estabelecimento saudável e fraterno das relações entre as criaturas criadas por Deus nos contextos das sociedades ao longo da história. O cuidado com a casa comum se concretiza quando a humanidade entende o seu chamado a ser construtora desta paz ordenadora da vida, fazendo com que ela tenha um sentido maior que os efêmeros fins da exploração promovidos pelos prazeres desordenados dos seres humanos.

“Quem são os pacíficos? Não os pacifistas, mas os promotores da paz.” Sermão 11,12 de Santo Agostinho. A promoção da paz, através da reivindicação da justiça e do direito de um ecossistema concebido como sujeito ativo das relações com a humanidade, deve ser a nossa reflexão neste novo século. Cuidar de si é cuidar do ecossistema que fazemos parte, ou seja, da casa comum a todos os povos, de diferentes línguas e credos. Promover a ordem da criação de Deus é promover a paz que nos garante a vida em abundância tanto da humanidade quando do planeta. O cuidado pacífico deste ecossistema é um dos principais caminhos para que possamos entrar em contato com o nosso interior, os homens, as mulheres e Deus, ou seja, toda a criação.

ACONTECEU É NOTÍCIA



17/01 - Profissão Simples dos noviços agostinianos, em Lima - Peru. Parabéns aos novos frades do Vicariato: fr. Rodolfo, fr. Henrique, fr. Maksuel e fr. Davidson.



Missão Vocacional, em Pouso Alegre-MG, em preparação para a Ordenação de fr. Anderson.



Frades e Colaboradores participam de Encontro de Educadores Agostinianos, na Bolívia.



24/01 - Abertura canônica do Noviciado, em Lima.



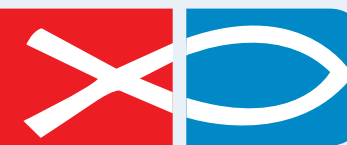
Frei Anderson foi ordenado presbítero no dia 30 de janeiro.



Grupo de Aspirantes 2016.



Fr. Alexandre Escame participa de Encontro dos novos religiosos agostinianos, no México.



Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa mudar. (Laudato si', 202)

A Quaresma, desde as suas origens, no intuito de preparar a grande festa da Páscoa do Senhor, foi configurando-se como um itinerário pessoal e comunitário de conversão. Assim, sob uma dimensão penitencial e batismal, neste tempo toda a comunidade eclesial é chamada a renovar e intensificar a vivência do batismo, mediante a escuta atenta da Palavra de Deus e uma insistente conversão. O jejum, a oração e a esmola, obras quaresmais por excelência, são alguns meios para se chegar a este fim, que é começo de uma vida nova em Cristo (cf. Cl 3, 8-11).

Não obstante, no Brasil, desde 1964, a Campanha da Fraternidade (CF) vem se consagrando como o maior gesto concreto deste tempo e que o ultrapassa, inclusive. Sempre atenta aos sinais dos tempos, a Igreja do Brasil, ao longo desses anos, ora buscou sua própria renovação interna, ora preocupou-se com a realidade social do povo, denunciando o pecado social e provendo a justiça, ora voltou-se de maneira profética para situações existenciais do povo brasileiro.

Neste ano, a CF, com o tema **“Casa Comum, nossa responsabilidade”** e o lema **“Quero ver o direito a brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca.”** (Am 5,24) objetiva **“assegurar o direito ao saneamento básico para todas as pessoas e empunhamo-nos, à luz da fé, por políticas públicas e atitudes responsáveis que garantam a integridade e o futuro de nossa Casa Comum”.** E nessa empreitada está não apenas a Igreja Católica, mas as demais Igrejas que integram o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), bem como outras instituições pelo Brasil afora e até mesmo no exterior, que juntas fazem dessa a IV Campanha da Fraternidade Ecumênica.

E por que discutir sobre saneamento básico no Brasil? Apesar de alguns avanços nos últimos anos, estamos longe de um saneamento básico de qualidade e para todos. Dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento Básico (SNIS) mostram que pouco mais de 82% da população brasileira tem acesso à água tratada, 100 milhões de pessoas ainda não possuem coleta de esgoto e apenas 39% desses esgotos são tratados. Outro agravante é a larga produção de lixo (industrial e doméstico) e sua indiscriminada destinação. (cf. Texto-base, 40). De acordo com a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2008 do IBGE, no mínimo 72,3% do total de resíduos sólidos coletados diariamente foram depositados de maneira inadequada, seja em lixões a céu aberto ou em aterros controlados. (cf. Texto-base, 53).

Ora, interpelados por essa realidade e pelo próprio Deus que grita através dela e de sua Palavra, acreditamos que a campanha desse ano nos recordará e comprometerá com duas dimensões básicas para a subsistência da vida: o cuidado com a criação e a luta pela justiça. E o nosso agir já tem passos bem marcados! É preciso conhecer a realidade, participar, educar para a sustentabilidade, conhecer as estruturas legais existentes e, sobretudo, assumir responsabilidades com o espaço onde se habita, seja através do uso adequado da água e da energia elétrica, do trato com o esgoto ou até mesmo da simples separação do lixo doméstico. (cf. Texto-base, 163-196). A mudança é aqui e agora e depende de cada um de nós, afinal, é como cantamos: **“o saneamento de um lugar começa por sanear o próprio coração”!**

